



Ativismo digital e feminismo em tempos de pandemia

Digital activism and feminism in the pandemic times

Emmanuely Antonia Brandão

emmanuelyb@alunos.utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procópio, Paraná, Brasil

Daniele Costa Silva

danielesilva@utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procópio, Paraná, Brasil

Ana Cristina Delboni Lomba

lomba@alunos.utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procópio, Paraná, Brasil

RESUMO

Com o passar dos anos, o movimento feminista vem conquistando espaço para além dos ambientes convencionais de lutas sociais. A internet tem se provado um novo meio de ação política e recurso indispensável para a impulsão de pautas e debates feministas. Neste contexto, o presente trabalho traz uma discussão acerca dos impactos da migração do espaço físico para o virtual nas atividades do projeto extensionista “Rodas de Conversas Feministas”, realizado no âmbito da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Cornélio Procópio. O propósito do projeto é a promoção do diálogo sobre feminismo através de rodas de conversas, clubes de leitura e ações em redes sociais. Com a pandemia houve uma intensificação das atividades nas mídias sociais e a transferência das atividades presenciais para ambientes virtuais. Desse modo, foi feita uma análise das métricas das redes sociais e dos feedbacks disponibilizados pelos participantes das ações neste novo ambiente. Por meio desta, conclui-se que o projeto conquistou seu espaço no mundo virtual, mantendo a rede de apoio criada presencialmente e proporcionando acolhimento ao público mesmo durante um momento tão delicado como o da pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Ativismo Digital. Movimento Feminista. Redes Sociais.

ABSTRACT

Over the years, the feminist movement has been conquering space beyond the conventional environments of social struggles. The internet has proven to be a new means of political action and an indispensable resource for the promotion of feminist agendas and debates. In this context, this paper discusses the impacts of the migration from the physical to the virtual space in the activities of the extension project "Rodas de Conversas Feministas", carried out in the Federal Technological University of Paraná, Cornélio Procópio campus. The purpose of the project is to promote dialogue about feminism through conversation circles, reading clubs and actions in social networks. With the pandemic there was an intensification of activities in social media and the transference of face-to-face activities to virtual environments. Thus, an analysis was made of the social network metrics and of the feedback provided by the participants of the actions in this



SEI-SICITE 2021

Pesquisa e Extensão para um
mundo em transformação

XI Seminário de Extensão e Inovação
XXVI Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica
08 a 12 de Novembro - Guarapuava/PR



new environment. Through this, it was concluded that the project conquered its space in the virtual world, maintaining the support network created in person and providing a warm welcome to the public even during such a delicate moment as the pandemic.

KEYWORDS: Digital activism. Feminist Movement. Social networks.



INTRODUÇÃO

A opressão das mulheres e dos grupos minoritários é secular e atemporal. Quanto mais se debruçar sobre a história, mais vislumbres se tem sobre tais práticas que, em maior ou menor grau, se fazem presentes em todas as culturas (CRUZ, 2020). Tais práticas variam desde a negação de direitos básicos como a liberdade, saúde, educação e dignidade até o direito ao voto (cidadania) ou mesmo o direito da mulher sobre o próprio corpo.

Surge assim, o Movimento Feminista em oposição à essas opressões, o qual no seu início

(...) procurou, em sua prática enquanto movimento, superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo. Assim, o movimento feminista não se organiza de forma centralizada, e recusa uma disciplina única, imposta a todas as militantes. Caracteriza-se pela auto-organização das mulheres em suas múltiplas frentes, assim como em grupos pequenos, onde se expressam as vivências próprias de cada mulher e onde se fortalece a solidariedade. Os pontos de vista e as iniciativas são válidos não porque se originem de uma ordenação central, detentora de um “monopólio da verdade”, mas porque são fruto da prática, do conhecimento e da experiência específica e comum das mulheres. (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 08-09)

Apesar de não haver um ponto de partida específico, pelo viés histórico, o que se conhece como movimento feminista pode ser dividido em quatro ondas, as quais demarcam momentos históricos e conquistas distintos.

A Primeira Onda, também conhecida como Luta pelo Sufrágio, foi iniciada no século XIX e contempla a luta das mulheres pelo direito ao voto. No Brasil, tal conquista só foi assegurada em 1932, no governo de Getúlio Vargas; não sendo esta, resultado direto de mobilizações populares, mas sim da inserção da mulher no âmbito político e da difusão de ideais feministas por personalidades como Bertha Lutz e Deolinda Daltro (ROCHA, 2017).

Com a Segunda Onda Feminista (1960 - 1990), iniciou-se a luta contra tudo que se instituiu a mulher. Modos de ser, pensar e agir, bem como os papéis socialmente impostos, rompendo com o ideário vigente sobre a divisão entre o público e o privado, segundo qual pautava-se unicamente no sexo (ROCHA, 2017).

Por volta de 1990, surge a Terceira Onda, que tem por objetivo debater e desconstruir o que se conhece por gênero e identidade de gênero, além de reconhecer a multiplicidade do ser mulher que engloba além do gênero, fatores como raça e classe. A partir disso, um feminismo interseccional é instaurado. Transversalmente a esses debates, em decorrência do advento da internet, também há uma ebulição de discussões acerca de gênero, movimento feminista e tecnologia, dando origem ao ciberfeminismo (ROCHA, 2017).

Mais recentemente, em 2015, segundo a autora Fernanda Rocha (2017), surge juntamente com uma nova efervescência de manifestações feministas, a Quarta Onda. Na qual, a democratização da informação promovida pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs) tem tido um papel fundamental e estratégico na expansão e fortalecimento do movimento feminista, renovando o ciberfeminismo iniciado nos anos 90.

Nessa perspectiva da importância que as TICs, bem como, as redes sociais possuem atualmente no movimento feminista, o presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise sobre os impactos da migração do espaço físico para o virtual nas atividades do projeto extensionista “*Rodas de Conversas Feministas*”, desenvolvido desde 2018 na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Cornélio Procópio (UTFPR-CP), cujo propósito é criar espaços de diálogo sobre o movimento feminista e suas pautas.



MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto de extensão “*Rodas de Conversas Feministas*” é uma iniciativa do “*Prazer, Feminismo*”, coletivo feminista da UTFPR-CP, a qual surge em 2018 da necessidade de promover espaços de diálogos sobre gênero, feminismo e pautas correlacionadas junto a estudantes, comunidade acadêmica e externa.

Para a promoção destes espaços as atividades do projeto consistem nas seguintes frentes:

Rodas de conversas: metodologia alicerçada na pesquisa qualitativa, especificamente nos princípios da pesquisa-ação, baseando-se no diálogo em um grupo comunitário específico. De acordo com Moura e Lima (2014), consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que

(...) é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo. Um dos seus objetivos é de socializar saberes e implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta. (MOURA; LIMA, 2014, p. 101).

Desse modo, permitindo o diálogo, o debate e a reflexão acerca das temáticas do projeto coletivamente. E, conseqüentemente, propiciando o intercâmbio de diferentes vivências, visões de mundo, culturas e conhecimentos entre sujeitos que vivem e convivem no mesmo espaço, mas que, por diversos fatores, não se articulam e não dialogam, no caso da comunidade acadêmica, e também entre sujeitos de outros espaços ao incluir a comunidade externa. Possibilitando a transformação destes sujeitos e da sociedade na qual vivem, pois “a reflexão crítica, o diálogo e a construção, compartilhada do conhecimento representam ferramentas que propiciam o encontro entre a cultura popular e a científica.” (PEDROSA, 2007, p.16).

Clubes de leitura: rodas de conversa em que se tem como ponto de partida a leitura de um artigo, texto ou livro que se relacione com as temáticas do projeto.

Campanhas educativas: campanhas que tem por objetivo provocar a reflexão, o debate e a conscientização das comunidades acadêmica e externa.

Antes da pandemia de COVID-19, estas atividades ocorriam de forma presencial no espaço físico da UTFPR-CP, de forma aberta a toda comunidade interna e externa, com mediação e presença de membros da equipe do projeto, estendendo-se às mídias sociais. No entanto, com os desdobramentos da crise sanitária, houve a necessidade de reorganização das mesmas, as quais passaram a ser realizadas apenas em espaços virtuais por intermédio de plataformas de teleconferência de vídeo e redes sociais. Com destaque para essa última, as quais passaram de ferramentas de divulgação das atividades do projeto para também meios de produção de conteúdo e, conseqüentemente, novos espaços de diálogo. Os impactos dessas transições serão discutidos na seção a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A popularização do acesso à internet e das redes sociais tem facilitado cada vez mais tanto a comunicação entre os sujeitos, como o acesso à informação e a permuta de conhecimentos e ideias entre grupos sociais diversos. Tais transformações refletiram na forma que os movimentos sociais se organizam, os quais “passaram a perceber esses espaços não simplesmente como espaços de propagação de informação, mas como um novo tipo de organização política, a qual oportuniza uma democracia mais conectada, ativa e transparente”. (BOGADO, 2018, p. 147)



Como mencionado anteriormente, o movimento feminista também se apropriou desses espaços, trazendo à tona discussões de gênero, opondo-se e questionando inclusive as práticas misóginas e outras violências que ocorrem dentro do mundo virtual.

Tem-se como exemplos de mobilizações feministas online, o movimento Marcha Mundial das Mulheres (iniciou-se no ano 2000 e opunha-se a violência contra mulher e a pobreza), a Marcha das Vadias (teve início em 2011 e opunha-se a violência sexual contra mulheres) e mais recentemente em 2018, o movimento #EleNão, que tinha por objetivo impedir a candidatura do então presidente, Jair Bolsonaro. Tais eventos trespassaram as redes e contaram com milhares de pessoas mobilizando-se nas ruas do Brasil e do mundo (LAGNER, ZULIANI e MENDONÇA, 2015).

A repercussão desses movimentos só evidencia a amplitude do movimento feminista nas redes e a urgência desses debates, que só cresceu com o isolamento social resultante da pandemia. Neste período conturbado, além da crise sanitária, o mundo se viu sendo alvo de uma crise econômica e política sem precedentes, cabendo aos movimentos sociais se reorganizarem para lutar por uma mudança concreta de conjuntura (SCALZER e NARDI, 2020).

Neste sentido, as mudanças que ocorreram na organização das atividades do coletivo e do projeto extensionista “*Rodas de Conversas Feministas*”, abarcam essa nova realidade e contribuem para a expansão dos debates de gênero nas redes sociais.

Desde março de 2020, o projeto tem feito uso intensivo do Facebook¹ e do Instagram² como ferramentas para fomentar o debate nesses espaços, seja por meio de postagens ou de *lives*, fazendo o uso também da plataforma Google Meet para os clubes de leitura.

Para readequação das atividades, as rodas de conversa foram substituídas por *lives* no Instagram, as quais são mediadas pelos membros da equipe do projeto. Comumente são convidados participantes externos para acrescer novos pontos de vistas e experiências, enriquecendo desta forma a discussão. As *lives* também ficam disponíveis no perfil do coletivo, podendo ser acessadas posteriormente por qualquer usuário da plataforma. Esse tipo de abordagem, apesar de suas limitações técnicas, permite um certo grau de interação com os demais participantes através de comentários síncronos e assíncronos.

Segundo as métricas do Instagram, o alcance das *lives* realizadas até o presente momento foi de 1852 pessoas. A *live* com maior alcance, foi a *live* em comemoração ao Orgulho LGBTQIA+, realizada no dia 28 de junho de 2021, com um total de 455 pessoas alcançadas. A figura a seguir apresenta os comentários da *live* em questão.

¹ <https://www.facebook.com/prazerfeminismo/>

² <https://www.instagram.com/prazer.feminismo/>



Figura 1 - Comentários sobre a Live em comemoração ao mês do orgulho LGBTQIA+



Fonte: Autoria própria

Com relação aos clubes de leitura, estes passaram a ocorrer em salas virtuais por meio da plataforma Google Meet, mantendo ainda uma maior interação entre os participantes, que têm ao seu dispor diversas formas para interagir com os mediadores e os demais participantes. Usualmente, é solicitado aos participantes que não são membros do projeto um retorno em relação aos aspectos do clube que mais gostaram e também sobre aqueles que poderiam ser melhorados. Dentre os pontos que os participantes mais apreciaram estão o acolhimento proporcionado pelo clube, as interações e as trocas com os demais participantes, o nível de embasamento da discussão, os diálogos a partir da leitura e os temas abordados a partir desta, a liberdade de expressão e por fim, a condução do clube.

No tocante as devolutivas sobre melhorias, segundo os participantes, o clube poderia ter uma maior duração, o enfoque da discussão deveria ater-se mais aos textos escolhidos, a linha de raciocínio com relação aos textos poderia ser melhorada assim como a organização do clube. A seguir estão alguns dos comentários deixados pelos participantes no formulário de *feedback*:

"Tenho muito interesse e considero a leitura do material proposto como fundamental para o entendimento da luta de classes e o movimento feminista"

"Sobre o tema abordado nunca vou saber o que é estar nesta posição social, mas com certeza os comentários e a leitura do livro em si, fazem com que eu consiga me colocar mais no lugar de outras pessoas, ou seja, cresça minha empatia, por assim dizer."

"É um tema que vivo no dia a dia na sociedade. Me fez pensar e comparar um pouco a construção da sociedade do país a onde veio e a do Brasil."

Uma outra mudança nas atividades do projeto foi um maior destaque para a criação de conteúdo para as redes sociais que, antes eram vistas apenas como um meio de divulgação das pautas que seriam discutidas posteriormente de maneira presencial, nas dependências da UTFPR-CP. Desde o início da crise sanitária, os esforços da equipe executora do projeto se concentraram na alimentação contínua dessas mídias com conteúdos relevantes, objetivando não só a divulgação de pautas feministas e debates, mas também a ocupação desses espaços que, assim como a nossa sociedade patriarcal, é machista e sexista (BRANDÃO, SILVA E SILVA, 2019). Neste sentido, no Instagram e Facebook, as publicações somadas alcançaram quase 35



mil pessoas, de acordo com as métricas destas redes sociais. A figura 2 apresenta alguns desses comentários acerca de uma postagem em comemoração aos 15 anos da Lei Maria da Penha.

Figura 2 - Comentários de uma publicação do perfil do coletivo



Fonte: Autoria Própria

Ademais, nesse período foram realizadas campanhas de conscientização e exposições virtuais³, empregando tanto as redes sociais como a criação de sites próprios para as mesmas. Para tanto, utilizou-se a plataforma de criação de sites Google Sites para a elaboração de um espaço único para cada exposição.

A migração do mundo físico para o virtual foi uma necessidade devido à pandemia. Porém, graças a isso, pôde-se perceber o que há muito já estava claro: as redes sociais e a internet como um todo são excelentes ferramentas para a disseminação de informações e promoção de pautas de gênero. No entanto, como se trata de um projeto de extensão universitária, pensado para também ocupar esse espaço, esses recursos não devem ser vistos como a única forma de mobilização, mas sim como uma parte igualmente importante do ativismo. Deste modo, as atividades não devem permanecer apenas na realidade material como também não devem se limitar ao mundo virtual, exceto em momentos como esse que exigem um maior cuidado com relação às interações presenciais.

A partir dos comentários dos internautas, conforme visto nas figuras 1 e 2, e das métricas disponibilizadas pelo Facebook e Instagram, é possível perceber que o projeto *“Rodas de Conversas Feministas”*, bem como o coletivo *“Prazer, Feminismo”* conquistaram seu espaço nas redes sociais, mantendo ainda a rede de apoio criada presencialmente, proporcionando ainda acolhimento e união do público, mesmo durante o momento de pandemia em que houve tanto distanciamento.

CONCLUSÃO

O estudo empreendido buscou analisar os impactos da virtualização das atividades do projeto extensionista *“Rodas de Conversas Feministas”*, descrevendo as mudanças que ocorreram no período de pandemia.

A partir do referencial teórico e da análise dos dados, verificou-se a importância da ocupação desses espaços e, desta forma, conclui-se que o ativismo digital por intermédio das TICs e das redes sociais tem suma importância, tendo como embasamento o número de pessoas que consumiram os conteúdos das

³ <https://sites.google.com/view/mulheres-extraordinarias> e <https://sites.google.com/alunos.utfpr.edu.br/exporainhatereza/>



discussões, exposições, dentre outras atividades, que antes, eram limitadas aos espaços físicos. O feedback dos não membros foi um recurso profícuo e muito importante, pois percebeu-se que o indivíduo se sente mais confortável para escrever as devolutivas através de um formulário online e assim, realizar um feedback mais honesto e assertivo. Além desses pontos, a quantidade de informação compartilhada cresceu consideravelmente, sendo este um fator relevante, pois a quantidade de pessoas atingidas com as postagens e campanhas de conscientização conseguem se multiplicar facilmente no meio digital.

Por fim, o projeto de extensão teve êxito ao transferir para o mundo virtual a rede de apoio que havia criado na UTFPR-CP, proporcionando aos internautas além da interação e a troca de conhecimentos e ideias, o acolhimento.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos imensamente a Fundação Araucária pelo aporte financeiro e ao coletivo Prazer, Feminismo pela concessão de espaço e oportunidade para ajudar outras pessoas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BOGADO, Maria. Rua. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BRANDÃO, Emmanuely Antonia; SILVA, Daniele Costa; SILVA, Priscila Chaves da. **Apagamento histórico, silenciamento e representatividade feminina em pauta**. In: SEMINÁRIO DE EXTENSÃO E INOVAÇÃO DA UTFPR, IX., 2019, Pato Branco.

CRUZ, L. S. F. Dos espaços públicos como lugares de dominação e opressão: reflexões sobre planejamento público e afirmação do direito das mulheres. In: BAHURY, A. M. N., et al. **Do ódio à violência conta as mulheres**. Belo Horizonte: Editora Dom Helder, 2020. p. 55-73.

LANGNER, Ariane; ZULIANI, C. S.; MENDONÇA, Fernanda. **O Movimento Feminista e o Ativismo Digital: conquistas e expansão decorrentes do uso das plataformas online**. In: 3o Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: Mídias e Direitos na Sociedade em Rede e V Congresso Ibero-americano de Investigadores e Docentes de Direito e Informática. 2015. p. 3-12.

MOURA, Adriane Ferro; LIMA, Maria Glória. **A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível**. Revista Temas em Educação, João Pessoa (PB), v. 23, n. 1, p. 98-106, jan. - jun. 2014.

PEDROSA, José Ivo dos Santos. **Educação popular no Ministério da Saúde: identificando espaços e referências**. Caderno de educação popular e saúde, Brasília (DF), Ministério da Saúde, p.13-17, 2007.

ROCHA, Fernanda de Brito Mota. **A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital**. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, p.136. 2017.

SCALZER, K.; NARDI, M. B. MULHERES E COVID-19: REFLEXÕES SOBRE A LUTA POR DIREITOS. **Revista IfesCiencia**, Vitória, 6, 2020. 73-82.